

PAPÉIS DE GÊNERO E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DE MULHERES ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA*

*Francisca Rasche***

Resumo

Pesquisa de campo que teve por objetivo conhecer melhor a formação acadêmica de mulheres estudantes de biblioteconomia do estado de Santa Catarina e as influências de papéis de gênero na área biblioteconômica. Nesse sentido, faz uma abordagem teórica a respeito de fatos envolvendo a visão e papéis ocupados pelas mulheres, conforme a literatura levantada. Ao final da pesquisa faz uma análise detalhada dos dados coletados, que vem apontar evidências de papéis de gênero na área.

Palavras-chave: *Mulheres-biblioteconomia; Biblioteconomia-SC; Papéis de gênero-biblioteconomia*

1. INTRODUÇÃO

A biblioteconomia no Brasil surge no início do século. Conforme Cunha (1997) apud Arruda tem como marco inicial a implantação do curso na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro no ano de 1911, com fins de suprir a necessidade de profissionais capacitados para atuar na referida biblioteca. Uma olhada na história, aponta como sujeitos desse processo seres humanos do sexo masculino. De certa forma, isso reflete aspectos relacionados com o acesso à educação bem como, a livros, privilégio de homens, brancos, de elite econômica e cultural, aproximadamente 20% da população.

** A idéia de pesquisar papéis de gênero na área de biblioteconomia surgiu no decorrer do desenvolvimento de projeto de pesquisa sobre a produção científica e técnica de profissionais de biblioteconomia do estado de Santa Catarina e o impacto na educação no período de 1973 a 1990, que tem apoio do PIBIC/CNPq/UFSC. ** Acadêmica do Curso de Biblioteconomia da UFSC*

É na década de 70 que aumenta a necessidade de profissionais atuantes em instituições de caráter educacional e cultural. Época que é marcada por mudanças sociais tendo em vista, o desenvolvimento da ciência e tecnologia aliada aos meios eletrônicos que transmitem informações. Nesse sentido, há o estabelecimento de cursos de biblioteconomia na maior parte dos estados brasileiros, além de cursos de pós - graduação, a fim de propiciar a educação continuada aos referidos profissionais.

No estado de Santa Catarina, duas escolas passam a sediar o curso de biblioteconomia, a Universidade Federal e a Universidade do Estado.

Considerando o que diz Berger Luckmann (1985) a respeito da relação do homem com seu meio, vale ressaltar que o mesmo constrói a sociedade e ocupa papéis a partir do conhecimento e o domínio da linguagem. Sob esse aspecto, é possível afirmar que a atuação desses profissionais no mercado de trabalho, bem como sua maneira de se relacionar com o meio está relacionada com sua formação acadêmica. A escola exerce um papel importante, pois, é nela que se afirma ou se modifica a visão de si próprio no mundo, isso se dá devido aos diferentes tipos de informação que levam à dúvida e conseqüentemente à reflexão. Ressalta-se que são as mulheres que somam a maior parte de profissionais da área biblioteconômica.

Nesse sentido, de certa forma, é possível afirmar que as mulheres constroem a biblioteconomia, ou que possuem uma ampla participação na sua construção e situação enquanto ciência e profissão. Salienta-se, porém, que a ciência, segundo Japiassu (1991), tem se mostrado machista no decorrer de sua construção. Por outro lado, é possível visualizar que o mercado de trabalho é desigual no que diz respeito a papéis de gênero.

Tendo em vista o que diz Morin (1977), a respeito da cultura de massa nesse século, ressalta-se ainda, que é sob o terreno de uma cultura ocidental, tecnocrata, que tem origem nos Estados Unidos e que atualmente se expande pelo mundo todo, que a mulher passa a ocupar papéis sociais diferentes na sociedade. Essa cultura se desenvolve, tendo em vista o desenvolvimento do sistema capitalista, no qual quaisquer atitudes das pessoas têm implícita um interesse de lucro.

Considerando esse contexto, sentiu-se a necessidade de conhecer melhor a relação das mulheres estudantes de biblioteconomia de Santa Catarina com seu meio. Na busca deste conhecimento, verificaram-se manifestações relacionadas ao assunto junto às estudantes de biblioteconomia do curso sediado na Universidade Federal de Santa Catarina, tendo em vista que por motivos de localização das estudantes foi inviabilizado o contato com

mulheres graduandas de biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina. Buscou-se identificar nas falas, a ocorrência de atitudes de passividade, a percepção que as estudantes têm da classe estudantil em que estão inseridas, bem como, de questões objetivas que têm impossibilitado um maior empenho na busca de conhecimento enquanto estudante ou ser humano.

Buscar conhecer as influências de papéis de gênero na formação acadêmica de mulheres estudantes de biblioteconomia no estado de Santa Catarina é tentar situar melhor as estudantes de biblioteconomia no mundo, bem como, a biblioteconomia no contexto em que interage.

1.1 Objetivos

Para compreender melhor esta questão fixaram-se os seguintes objetivos:

- a) Levantar dados acerca da atuação de estudantes pesquisadas referente à produção de trabalhos de cunho técnico ou científico, participação em eventos, participação em atividades relacionadas ao movimento estudantil e dos tipos de atividades desempenhadas cotidianamente;
- b) Verificar, nas falas das estudantes de biblioteconomia suas manifestações relacionadas ao assunto;
- c) Comparar situações presentes no discurso com a literatura levantada.

1.2 Metodologia

A fim de alcançar os objetivos propostos, foi realizada pesquisa de campo com mulheres estudantes de Biblioteconomia em Santa Catarina, além de pesquisa bibliográfica a fim de dar suporte teórico para as questões abordadas.

Para pesquisa de campo escolheu-se como amostra mulheres estudantes de biblioteconomia que estivessem cursando as últimas fases, considerando que as mesmas, já teriam uma vivência maior no curso, bem como, a possibilidade de ter uma maior atuação quanto a publicação de trabalhos, participação em eventos e participação no movimento estudantil, além de maior carga de conhecimentos adquiridos.

Foi elaborado um roteiro para as entrevistas, sendo que o entrevistado optava por falar espontaneamente seguindo o mesmo, ou se preferia ser perguntado. Todas preferiram ser perguntadas sobre as questões ali expostas.

Foram entrevistadas 14 mulheres graduandas da 6^a, 7^a, 8^a e 9^a fases do Curso de Biblioteconomia da UFSC.

As falas das estudantes foram gravadas e transcritas posteriormente, a fim

de realizar a análise e avaliação dos dados.

A análise e avaliação dos dados se deu a partir das questões e das respostas obtidas nas entrevistas.

Realizaram-se tabulações dos dados, a fim de facilitar o processo de análise e avaliação.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Para subsidiar teoricamente a temática em questão, ressalta-se o que segue.

2.1 O Ser Humano e Sua Relação com o Meio

A história da humanidade apresenta diferentes configurações, conforme as crenças e técnicas de cada povo e de cada período de tempo. As crenças e técnicas, por sua vez, são criações humanas que visam possibilitar a sobrevivência da espécie, buscam justificar e de certa forma fugir das dúvidas, já que o homem sempre tem buscado compreender o sentido de sua própria existência que permanece inexplicado. A abordagem dessa questão pode ter por base o que dizem os diferentes autores a seguir.

Para Schaff (1995), na busca de sentido para a vida os seres humanos têm desenvolvido suas capacidades de criação. Este autor trata dessa questão, ao abordar os avanços da ciência e tecnologia na presente época. Chama de 2ª revolução industrial, na qual a força física do homem necessária para o trabalho é substituída pela máquina. Assim, o homem estaria livre para exercer atividades intelectuais e recreativas superando o pressuposto de ter o pão com o suor do rosto.

O amor e a criatividade são formas de dar sentido para a vida, idéia desenvolvida por Toynbee (1976), sendo esse amor um meio de superar o egocentrismo. Assim sendo, trata das questões de poder, fruto do egocentrismo e da possibilidade do homem se libertar de tal fator.

Ao abordar a questão da humanização dos homens, e conseqüentemente, de sua libertação, Freire (1981) cita a dúvida da existência, "*a posição no cosmos*" como necessária para a transformação da realidade. Esse autor chama atenção para o medo de que a dúvida e a liberdade levem as pessoas à desordem, sendo o medo, um fator que impera na luta pela liberdade. Porém no decorrer do seu trabalho em, *A Pedagogia do Oprimido*, aponta as

condições necessárias para a libertação dos homens.

Salienta-se que o homem é um ser social, tendo em vista o que afirma Berger & Luckmann (1985) com relação *A Construção Social da Realidade*. Este autor afirma que, ao nascer, o homem é inserido em uma realidade objetiva que se apresenta como intersubjetiva. Surge, assim, a necessidade de interação com o meio, que se dá com o uso da comunicação e da linguagem.

2.2 Comunicação e Linguagem

Tendo em vista, a necessidade de interação com o meio, o uso da comunicação, definida por Bordenave (1983) como ato ou efeito de transmitir mensagem, a fim de expressar emoções, idéias, temores e expectativas, é milenar na história da humanidade. Nesse sentido, desenvolveram-se meios técnicos para facilitar a comunicação.

O uso da linguagem é destacado por Berger & Luckmann (1985), como fundamental. É um meio de tornar o ser mais acessível para si próprio. Além disso, ainda conforme o mesmo autor, a linguagem permite a transcendência e traz presente variedades ausentes.

2.3 Cultura e Conhecimento

A cultura de cada povo é representada pelo uso de signos e símbolos, a qual está relacionada com o conhecimento. O conhecimento serve como base para as ações humanas. Citando novamente Berger & Luckmann (1985), este salienta que o conhecimento é determinante nas ações do indivíduo. Assim sendo, cultura e conhecimento dão suporte e determinam as crenças que impulsionam as ações dos seres.

Ginzburg (1987) em sua obra *O Queijo e os Vermes* questiona as relações estabelecidas entre a cultura cultivada e cultura subalterna, em uma época em que a elite tinha como base de seu poder, o conhecimento religioso. Na obra de Ginzburg, que se passa na Itália da Idade Média, o personagem principal, Menochio, é perseguido pela inquisição. No decorrer de toda a história, percebe-se que o personagem sofre por não conseguir se expressar de acordo com a linguagem dos inquisidores os quais também tinham dificuldade em compreendê-lo, pois suas crenças absolutas, no Deus e no Diabo, não o permitiam. Menochio apresentou um contato com livros proibidos na época, esse contato por sua vez, deu um certo suporte para a expressão de suas idéias.

Em sua obra *As Paixões da Ciência*, Japiassu (1991) demonstra a preocupação com o domínio da cultura técnico-científica. Esse autor ressalta as

diversas ocasiões da história em que os homens têm usado da ciência para realizar suas paixões. Cita nesse sentido, o desejo do homem de dominar a natureza, buscando, assim, uma posição segura no mundo. Justificou-se, assim, o machismo e o racismo. Na época, a mulher e o negro eram considerados seres inferiores explicada, por sua aproximação com a natureza, devido a sua sensualidade. O racismo prevalece até os dias de hoje, bem como, o machismo. O domínio da tecnociência é abordado por Postman, em seu trabalho *Tecnopolio* o qual trata da formação de diferentes culturas conforme os tipos de técnicas utilizadas em diferentes períodos.

O desenvolvimento da mídia eletrônica permitiu o surgimento e expansão da cultura ocidental que Morin (1977) questiona, em seu trabalho *Cultura de Massa no Século XX*. A cultura ocidental ou cultura de massa, *mass media*, se caracteriza pelo domínio da imagem na vida das pessoas nela todas as formas culturais estão voltadas para o consumo e visam ao lucro. Os desejos não saciados na vida real são projetados para o mundo das imagens. O autor chama de colonização do espírito, pois essa cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos, imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturando os instintos, orientando as emoções. Nos meios de comunicação, há um sincretismo que tenta agradar todos os gostos. Debord (1997) chama de sociedade do espetáculo, sociedade movida pelas imagens que dominam todos os níveis da vida.

Vale ressaltar que, conforme os dois últimos autores citados acima, essa cultura tem como lei o mercado, criam-se produtos e consumidores. O tempo de lazer é considerado um tempo de consumo, desse modo, há um autoconsumo da existência. O que justifica o indivíduo é sua própria felicidade, uma felicidade supérflua, prevalecendo, assim, o individualismo e o momento.

Percebe-se, assim, que as diferentes posturas humanas estão intimamente relacionadas com o conhecimento e as crenças que criam relações de poder e por outro lado permitem a fuga da própria existência.

2.4 Trabalho e Educação

Antes da revolução industrial, o trabalho era uma atividade a através do que o homem se expressava de forma artística, assim sua satisfação se dava conforme o grau de perfeição e beleza alcançado. Tendo o trabalho se tornado uma atividade mecânica, segundo Toynbee (1976), extingue-se esse momento de recreação, que é uma necessidade humana, a qual passa a ser suprida nas horas vagas.

Considerando as mudanças tecnológicas da 2ª revolução industrial, já citada no trabalho, conforme Schaff (1995), surge a necessidade do

homem se ocupar com atividades intelectuais que vêm a ter significativa importância para a atuação profissional.

Nesse sentido, a educação passa a ter uma fundamental importância. A mesma tem sido utilizada pelo homem na transmissão de conhecimentos e na formação do mesmo, assumindo de modo geral, um caráter escolar. Salienta-se que esta formação pode ser exercida como meio de controle, a educação bancária, questionada por Freire (1981) ou transformadora, quando estimula a ação reflexiva e criadora do homem.

Milanesi (1986) em seu trabalho, *O que é Biblioteca*, chama atenção para o papel da leitura, que permite a reflexão, estimulando a criatividade. Dessa forma, cita as bibliotecas e os meios de comunicação como meio de contestação das informações transmitidas pelos professores.

Ressalta-se que a educação é um recurso utilizado pelo ser humano no processo de interação social e é um fator considerável nos papéis sociais ocupados pelas pessoas.

2.5 A Biblioteconomia como Necessidade e Produto Social

A necessidade de armazenar, ou de preservar a memória do homem é uma das razões pela qual se chegou à biblioteconomia, para Mc Garry (1984). Acredita-se que num passado mais remoto armazenar e, conseqüentemente, conservar era mais importante que transmitir conhecimento registrado. Isso vinha a responder os interesses das elites da época, de manter o controle sobre o povo e permanecer no poder.

Atualmente, acrescenta-se à atividade de armazenar, a de disseminar informações o que leva à necessidade de criar mecanismos que possibilitem controlar a informação disponível, a fim de recuperar a mesma. Neves (1986) salienta que a atividade biblioteconômica só tem razão de ser quando a serviço de alguém ou de uma comunidade. Nesse sentido, surge o usuário e a comunidade que vão exigir do profissional bibliotecário a informação de que necessitam.

Assim sendo, evidenciam-se as influências da sociedade sobre a biblioteconomia, que, conforme Souza (1993), é determinada pela sociedade. A partir disso, cabe citar que, para Mostafa apud Araújo (1980) a prática da biblioteconomia e da ciência da informação estão dentro do contexto do modo de produção capitalista. Nesse sentido, os mecanismos em torno das políticas de informação vão influenciar o comportamento e a prática bibliotecária.

Tendo em vista, o que foi dito acima, vale ressaltar, que Fonseca (1979), ao falar da biblioteconomia brasileira no contexto mundial, salienta as influências

européias e posteriormente americanas sobre a prática bibliotecária no Brasil. Souza (1997) menciona o capitalismo sem pátria, questões de imperialismo, que dão à biblioteconomia brasileira, bem como em outros países europeus e asiáticos, um caráter de dependência americana.

2.6 A Mulher Neste Contexto

Observando a história, percebe-se que a mulher sempre tem ocupado um papel secundário ou com certo caráter de submissão ao homem, no mundo. Ao observar a bíblia, por exemplo, a qual é considerada como um *best seller*, a mulher aparece como um ser impuro, tentador, o que de certa forma se atribui à sua sexualidade. No livro dos Provérbios, no último capítulo, há uma série de recomendações para a mulher agradar seu homem, deixando claro um caráter de servidão.

Nos meios de comunicação de massa, a mulher aparece como mais um produto, sempre vendendo algo relacionado à sua sexualidade. Morin (1977) destaca que a cultura ocidental ou de massa tem desenvolvido uma imprensa feminina, devido ao seu tom romanceado que tenta dar ao mundo. Kepp (1997), em um artigo publicado no jornal a Folha de São Paulo, faz uma crítica e uma relação entre as atitudes das mulheres brasileiras e americanas, quanto à estética. Questiona o exibicionismo da mulher brasileira na tentativa de se afirmar e seduzir e, por outro lado, o modo "*desleixado*" das americanas, que tentam superar o desempenho do homem no mercado de trabalho.

Os estudos dessa temática têm crescido muito nos últimos anos. Isso tem seu lado positivo considerando que a mulher já se percebe como um ser oprimido e dominado na sociedade.

Um trabalho muito importante que trata dessa questão é o Segundo Sexo de Beauvoir (c 1949). Esta autora questiona os papéis ocupados pela mulher, como um ser "*que se torna mulher*"; ou seja, a mulher como um sujeito construído historicamente. Nesse sentido, aborda toda a problemática da sexualidade feminina, colocada para a mulher desde criança como uma prisão ou um castigo frente às possibilidades do sexo masculino.

Conforme Lazari (1993), é nos fins dos anos 60 que eclode a luta feminina no ocidente como movimento social. Esta autora pesquisou papéis de gênero em mulheres de escolaridade superior engajadas profissionalmente. De seu trabalho, percebe-se, que a educação superior aparece como um meio de adquirir independência, subsistência, autodesenvolvimento e ascensão social e, além disso, a busca de reconhecimento social.

Partindo para a área da biblioteconomia, tendo em vista que a grande maioria dos profissionais da área são mulheres, percebe-se que pouco se vê na literatura por elas produzida, textos sobre as questões de gênero envolvendo a mulher.

Martucci (1996) busca fazer uma aproximação entre o magistério e a biblioteconomia. De suas considerações finais, vale ressaltar o que diz a respeito da mulher do século XIX, século que é tido como um marco no desenvolvimento da escola e da biblioteca. Sobre o comportamento da mulher, ressalta a autora *"um ser puro, dedicado, submisso, passivo, leal, obediente, conservador, com respeito à autoridade e hierarquia, de grandes qualidades morais, educadora primeira na sociedade."* É sobre esse aspecto que há uma aproximação da mulher com o trabalho de cunho maternal da professora e bibliotecária, mães intelectuais e maternais.

Ferreira (1997), ao tratar da questão de gênero na biblioteconomia, traz presente a necessidade de redimensionar a atuação do profissional bibliotecário a serviço da sociedade, rompendo com teóricos conservadores, que propõem um atrelamento do papel do bibliotecário com os interesses do sistema político vigente.

Atualmente, a mulher tem ocupado papéis profissionais tradicionalmente masculinos, porém a diferença salarial e hierárquica, ainda fica aquém do homem. Por outro lado, aparece mais na mídia e na sociedade, vale considerar que quando os negros foram *"abolidos"* da escravatura, havia apenas uma necessidade econômica que estava em jogo. Será que não ocorre o mesmo com a mulher? É um sujeito que tem muitos desejos passíveis de lucro.

3. RESULTADOS

Com o cumprimento das etapas citadas anteriormente na metodologia, o processo de investigação permitiu a tabulação de dados referentes à atuação de mulheres estudantes do curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina e análise de manifestações sobre percepções quanto à questão de papéis de gênero, na área. Para facilitar o processo, foi realizada análise de cada uma das questões abordadas nas entrevistas, resalta-se o que segue.

a) Formação acadêmica

A maior parte das estudantes entrevistadas está cursando a 6^o fase de biblioteconomia, um tempo de três anos no ambiente universitário. A média de tempo por ano na universidade das entrevistadas é de 3 anos e meio.

Quanto à formação acadêmica em outro curso superior, apenas uma

entrevistada cursou três anos do curso de economia. Portanto, 93% das entrevistadas estão em seu primeiro contato com o ambiente universitário enquanto acadêmicas.

b) Leitura

Com relação à leitura, as estudantes foram questionadas a respeito de suas preferências e frequência. Ressalta-se o que segue.

b.1) Preferência

Quanto às leituras preferidas, citou-se o que segue na tabela 1.

Tabela 1

TIPOS DE LEITURAS PREFERIDAS	Quantidade	Percentual
Romances	6	24
Jornais e revistas (atualidades)	5	20
Espirituais	3	12
Área de biblioteconomia	3	12
Ficção	2	8
Educação	1	4
Filosofia	1	4
Psicologia	1	4
Informática	1	4
Auto - ajuda	1	4
Nada da área de biblioteconomia	1	4
Total		25

Ao observar a tabela 1, chama atenção o gosto por romances, livros espirituais e de auto-ajuda. Nesse sentido, salienta-se o que diz Beauvoir (1949), quanto às leituras que são destinadas às meninas, questionado como elemento apassivador da mulher. Além disso, ressalta-se a crença no conhecimento escrito ou na informação registrada, tendo em vista, leituras de auto-ajuda. A leitura de atualidades, revistas e jornais, meios de comunicação de massa traz consigo as características de cultura ocidental da qual Morin (1977), faz alguns comentários a respeito do comportamento das pessoas junto a esses meios.

b.2) Frequência

Com relação à frequência, as manifestações tiveram as seguintes ocorrências:

- deveria ler mais (3 pessoas);
- possui hábito de leitura (3 pessoas);
- não possui hábito de leitura (2 pessoas);
- estou perdendo o hábito de leitura (uma pessoa).

Questiona-se que as pessoas que se manifestaram dizendo que deveriam ler mais demonstram uma certa consciência da necessidade de ler com relação àquelas que simplesmente dizem não ler ou não gostar de ler. Com relação à perda do hábito, poder-se-ia ressaltar mecanismos relacionados à saturação de informação, característica da sociedade atual. Salienta-se ainda que duas pessoas ressaltaram a importância do curso para seu interesse pela leitura.

c) Participação em eventos

A tabela 2, que segue, mostra as respostas obtidas das estudantes quanto à participação em eventos profissionais.

Tabela 2

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS	Quantidade	Percentual
Não participa	9	64,2
Participa	5	35,7
Total	14	100

Percebe-se que mais da metade das entrevistadas não têm participado em eventos profissionais da área de biblioteconomia, documentação e ciência da informação. Salienta-se que duas pessoas citaram a questão do tempo como fator que influencia na participação de tais atividades. Tendo em vista, os dados acima, a escola pode ser vista como principal responsável pela formação das estudantes em questão.

d) Movimento estudantil

Com relação ao movimento estudantil, as estudantes foram indagadas a respeito de sua participação em tais atividades e o tipo de atividades de que participam.

d.1) Participação

Quanto à participação em atividades do movimento estudantil, a tabela 3, mostra como ficam distribuídas as respostas.

Tabela 3

MOVIMENTO ESTUDANTIL	Quantidade	Percentual
Não participa	10	71,6
Participa	4	28,5
Total	14	100

A tabela 3 mostra que apenas 4 estudantes têm participação em atividades de classe, o que poderia vir a explicar uma desarticulação da classe bibliotecária.

d.2) Tipo de atividades do Movimento Estudantil

A tabela 4 apresenta qual o tipo de movimento em que as estudantes apontam participação.

Tabela 4

ATIVIDADES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL	Quantidade	Percentual
Centro Acadêmico	2	
Encontros de Estudantes (regionais e nacionais)	3	
Diretório Central dos Estudantes	0	0
Total	5	100

Observando a tabela, verifica-se que a participação em encontros de estudantes do curso tem uma maior ênfase. Já quanto à política estudantil em nível universitário não há participação. Salienta-se que uma das entrevistadas ;m participação em encontros e centro acadêmico. Dessas estudantes, uma citou o tempo e outra a aula como motivos que inviabilizam uma maior participação.

e) Publicação de trabalhos

Com relação a produção de trabalhos, bem como, a produção de artigos que manifestam opiniões ou relatam fatos de interesses diversos, apenas 2 pessoas têm publicado trabalhos. Ressalta-se que uma delas salientou sua participação em projeto de pesquisa durante um ano. Nesse sentido, seu trabalho é de cunho científico. A outra publicação trata de um artigo para um jornal do bairro, tendo, assim, um caráter de envolvimento com a comunidade.

Ressalta-se que uma se manifestou dizendo "ainda não" e uma citou o trabalho final da disciplina. É possível questionar o papel da escola como meio de estímulo para a expressão da criatividade e da crítica que em nossa sociedade geralmente é manifestada em publicações escritas ou comunicadas.

f) Atividades profissionais

Com relação ao trabalho, todas as entrevistadas têm uma atividade remunerada. Quanto ao caráter institucional, 56,3% das estudantes atuam em serviços públicos, ressalta-se que as atividades de estágio tratadas a seguir estão inseridas neste tipo de instituição.

g) Função ou cargo

A tabela 5, que segue, mostra o tipo de cargo ou função ocupado pelas estudantes pesquisadas.

Tabela 5

FUNÇÃO / CARGO	quantidade	percentual
Estagiária	4	28,5
Secretária	2	14,2
Monitora (bolsista)	1	7,1
Responsável por compras	1	7,1
Assistente de atendimento ao cliente	1	7,1
Diretora de divisão de serviços	1	7,1
Recepcionista	1	7,1
Professora	1	7,1
Trabalhos bibliotecários	1	7,1
Gerente administrativo	1	7,1
Total	14	100

Verifica-se na tabela 5, que 6 das estudantes estão envolvidas com atividades relacionadas com sua área de formação. Salienta-se que três pessoas ocupam cargos administrativos, demonstrando uma certa hierarquia. Seria interessante verificar como se dá esta relação tendo em vista que a mulher geralmente sofre discriminação no trabalho.

h) Carga horária diária

A tabela 6 aponta a carga horária diária de trabalho das estudantes pesquisadas.

Tabela 6

carga horária diária	Quantidade	percentual
8hs	6	42,8
4hs	3	21,4
9hs	2	14,2
3hs	1	7,1
12hs	1	7,1
6hs	1	7,1
total	14	100

Uma leitura da tabela 6, mostra que 42,8% das estudantes ocupam 8hs diárias em atividades de trabalho. Ressalta-se que 14,2% trabalham 9hs diárias e 7,1%, 12 hs diárias. Tendo em vista esses dados, salienta-se que objetivamente, o tempo para atividades extra classe de formação, leitura, participação em eventos e atividades do movimentos estudantil estaria prejudicado. Ressalta-se, porém, que uma das estudantes inserida nos 42,8% atua no centro acadêmico, contrariando a variável tempo. Por outro lado, ao observar participação em atividades extra-classe das estudantes que possuem uma carga horária de trabalho menor que 8 hs diárias apresentam participação em eventos ou atividades do movimento estudantil.

i) Estado civil

Das entrevistadas, 10 são solteiras, duas divorciadas e duas são casadas. Dessas 50% residem com os pais e 50% não, porém considerando que duas são casadas, 70% delas apresentam uma carga cultural da figura masculina na família. Ressalta-se ainda que três estudantes possuem filhos.

j) Atitude dos alunos

Quanto à percepção do envolvimento dos alunos do curso de biblioteconomia na sociedade e no meio universitário, 6 pessoas afirmaram que esses estudantes são passivos, apenas uma acha que são ativos e duas disseram haver os dois tipos. Sobre essa questão, os comentários foram sobre

o currículo é defasado, há falta de informação e as pessoas precisam trabalhar para se sustentar. Esta questão pode ser relacionada com a participação dos estudantes em eventos, movimento estudantil e produção de trabalhos, além disso, alguns comentários a respeito da passividade já foram feitos no item que trata da questão da leitura.

1) A relação da condição feminina e o curso

Quanto o fato de estar cursando biblioteconomia ter relação com a condição feminina, 13 responderam que não e apenas uma disse acreditar ter alguma relação. Duas pessoas comentaram que o curso é para mulher e uma falou da organização da informação. Tal questão será aprofundada no item que segue, por ser semelhante.

m) A influência da condição feminina na formação acadêmica

Quando perguntada se o fato de ser mulher influencia na sua formação acadêmica, todas responderam que não. Porém vale ressaltar os comentários que foram feitos:

- discriminação no ambiente de trabalho;
- homens bibliotecários se destacam mais, por se imporem enquanto profissionais, já que a profissão exige isso;
- se tivesse marido e filhos acha que sim (marido e filho prendem a mulher);
- os rapazes preferem a parte técnica;
- a mulher tem mais facilidade no relacionamento com público;
- a mulher está se sobressaindo hoje no ambiente de trabalho;
- as pessoas têm preconceito com o curso;
- os problemas da profissão são relacionados com a mulher;
- se fosse só fazer "fichinhas sim"
- administração e engenharia são cursos para homem;
- ser um curso da área de educação.

Percebe-se que há um reconhecimento de papéis de gênero nas falas das estudantes, principalmente porque muitas delas mencionam o curso de biblioteconomia, como um curso feminino ou para mulher. Além disso, salientam-se questões de passividade, característica das condições femininas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das atividades realizadas, pode-se fazer algumas considerações, conforme segue.

Com relação às influências de papéis de gênero na formação acadêmica das estudantes pesquisadas, as mesmas consideram não haver nenhuma relação, interessante que das mulheres casadas e que possuem filhos nenhuma citou os mesmos em suas falas.

Os estudantes de biblioteconomia são vistos como seres passivos no meio universitário e social, isso pode ser relacionado com a passividade feminina.

O tempo foi apontado e, considerando os dados levantados, afirma-se como um fator objetivo que impede um maior envolvimento das estudantes com sua área de formação, tendo em vista a carga de trabalho diário e a condição de um curso noturno.

Reconhece-se, papéis de gênero diferentes para homens e mulheres, ou seja, admite-se ser a biblioteconomia um curso direcionado para o sexo feminino.

Vale ressaltar que algumas questões mereceriam um tratamento mais aprofundado, a fim de obter respostas para lacunas que surgiram durante a pesquisa, como, os aspectos culturais e um maior aprofundamento teórico das questões.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Vânia M. R. H. de. Informação; instrumento de dominação e submissão. *Ciência da Informação*, v. 20, n. 1, jan./jun. 1991, p. 37-44. ARRUDA, Guilhermina de Melo. Do bibliotecário erudito ao profissional da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 20. São Luís, 1997. 13 f. (trab. apres.)
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 1 ed. São Paulo: Nova Fronteira, [19 ____]. 2v,
- BENTO, Maria Aparecida Silva. A mulher negra no mercado de trabalho. *Estudos Feministas*, n. 2, p. 479-488, 1995.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BORDENAVE, Juan Dias. A Comunicação como Processo. In: *A lei do meio e das mensagens*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 11-31. BRUSCHINI, Cristina. Trabalho Feminino: trajetória de um tema, perspectivas para o futuro. *Estudos Feministas*, n.1, p. 17-32, 1994. DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238 p.
- FERREIRA, Maria Mary. Gênero como categoria de análise na Biblioteconomia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 18. São Luís. *Anais...* São Luís: FINEP, 1997. (meio eletrônico)
- FONSECA, Edson Neri. *A Biblioteconomia no Contexto Mundial*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979. 112p.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 309 p.
- JAPIASSU, Hilton. *As Paixões da ciência*. São Paulo: Letras & Letras, 1991. 336 p.

- KEPP, Michael. Exibicionismo à brasileira. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 nov. 1997. Caderno Mais-5, p. 14.
- LAZARI, Joana Sueli de. Papéis de gênero em mulheres de escolaridade superior engajadas profissionalmente. Porto Alegre: UFRGS, 1993.205 f. (Tese de Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação - UFRGS. MARTUCCI, Elizabeth Márcia. A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia: uma aproximação. *Perspec. CL /«/.*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 225 - 244, jul./dez. 1996.
- MCGARY, Kevin J. Da Documentação à informação, um contexto em evolução. In: *Conhecer e ser informado*. Porto: Presença, 1984. P. 13-40. MILANESI, Luiz. *O que é biblioteca*. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.107 p.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - 1* neurose. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. 202 p. NEVES, Iara C. R. O Bibliotecário e o atual Contexto Social. *R. Biblioteconomia & Comunicação*, v. 1, n. 1, jan. 1986. P. 23-26. OHIRA, Maria de Lourdes Blatt, et al. Análise da produção intelectual dos profissionais da informação de Santa Catarina via Base de dados BIDAC. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 18.SãoLuís. *Anais...* São Luís: FINEP, 1997. 14 p. (meio eletrônico).
- POSTMAN, Neil. *Tecnopolio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994. 204 p.
- RASCHE, Francisca. *O impacto da produção científico e técnica de profissionais, pesquisadores e docentes no ensino de biblioteconomia no estado de Santa Catarina no período de 1973 a 1990: relatório de pesquisa*. Florianópolis, 1997. 37 f.
- SCHAFF, Adam. *A Sociedade Informática*. 4 ed. São Paulo; UNESP: Brasiliense, 1995.
- SILVA, Lorena Holzmann da. Admitimos mulheres para trabalhos leves. *Estudos Feministas* n. 2/95 p. 349-361.
- SOUZA, Francisco das Chagas de. *Biblioteconomia, Educação e Sociedade*. Florianópolis: EdUFSC, 1993. 102 p.
- SOUZA, Francisco das Chagas de. *A educação bibliotecária brasileira: comparação com a educação bibliotecária de alguns países europeus e asiáticos e uma proposta para atender a modernidade no Brasil*. Florianópolis, 1997. (Relatório de Pesquisa)
- TOYNBEE, Arnold. *A Sociedade do Futuro*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- YNNOULAS, Silvia Cristina, iguais mas não idênticos. *Estudos Feministas*, n. 1, ano 2, p. 7 16, 1. semestre 1994.